

**Avaliação das experiências de intercâmbio internacional na
graduação:
a avaliação dos intercambistas estrangeiros na Universidade de São
Paulo e de discentes da USP no exterior**

DOI: 10.2436/20.8070.01.60

Yuli Della Volpi

Bacharel em Lazer e Turismo pela Universidade de São Paulo, Brasil.

E-mail: yuli.volpi@usp.br

André Fontan Köhler

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, Brasil.

Professor da Universidade de São Paulo, Brasil.

E-mail: afontan@usp.br

Resumo

Nos últimos anos, tem-se verificado expressivo aumento das possibilidades de realização de intercâmbio no exterior, por parte de graduandos. Além de programas nacionais, de responsabilidade do governo federal, algumas instituições de ensino superior também criaram ações para apoiar intercâmbios internacionais, na graduação. Por exemplo, os discentes da Universidade de São Paulo beneficiaram-se do aumento das verbas federais, da criação de projetos próprios e do apoio da iniciativa privada ao intercâmbio internacional, o que tem permitido que mais discentes estudem em universidades estrangeiras, principalmente europeias. A pesquisa objetiva compreender a experiência do intercâmbio realizado por graduandos da Universidade de São Paulo, que foram para o exterior, bem como a de graduandos estrangeiros, que fizeram seu intercâmbio internacional na Universidade de São Paulo, a partir de suas próprias opiniões e avaliações. Para tanto, ao lado de revisão de literatura, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e aplicados questionários. Os principais resultados apontam que os estudantes declaram buscar algo diferente na experiência de intercâmbio, mas, ao escolher seu destino, optam por locais que se assemelham culturalmente a seus países de origem, inclusive no idioma. De forma geral, há pouca dificuldade de adaptação, por parte de discentes brasileiros e estrangeiros. Os intercambistas também apontam que os maiores ganhos da experiência são pessoais, e não os adquiridos dentro da sala de aula. A pesquisa visa suprir uma lacuna na literatura brasileira, dado que o turismo de intercâmbio ainda é pouco estudado.

Palavras-chave: intercâmbio internacional, adaptação, estudos no exterior, Universidade de São Paulo.

1 INTRODUÇÃO

Apesar de o turismo ser ainda tratado, principalmente, por sua importância econômica e comercial (PAIVA, 2005), deve-se sempre atentar ao fato de que seus efeitos vão além da economia, de modo que uma ampla variedade de estudos seja necessária para que mais bem se compreenda o fenômeno.

Segundo Beni (2003), há um consenso de que o turismo deve firmar-se em quatro pilares – ambiental, social, econômico e político. Assim, o turismo é definido, de modo geral, como um fenômeno econômico, cultural e social, que exige o deslocamento de pessoas para fora de seu ambiente habitual, para diferentes fins, que podem ser pessoais ou profissionais.

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT) e a United Nations Statistical Commission (UNSTAT), o turismo consiste na atividade de quem viaja ou permanece em lugar que não seu ambiente normal por não mais do que um ano consecutivo, em razão, entre outras, de lazer ou trabalho (COOPER ET AL, 2001).

O turismo de intercâmbio ainda é um segmento de mercado pouco estudado na literatura analítica, histórica e de estudos de caso, não obstante seu expressivo crescimento, nos últimos anos, quando olhamos o caso brasileiro.

O objeto de estudo do presente artigo são os graduandos da Universidade de São Paulo que tiveram uma experiência de intercâmbio internacional, no período 2014-2015, através da instituição, e os discentes estrangeiros que estavam tendo essa experiência, na Universidade de São Paulo, no primeiro semestre de 2015.

O trabalho apresenta uma pesquisa exploratória que tem, como objetivo geral, compreender a experiência de intercâmbio realizado por graduandos da Universidade de São Paulo, que foram para o exterior, e de alunos de graduação estrangeiros, que estavam fazendo intercâmbio na Universidade de São Paulo, a partir de suas próprias opiniões e avaliações.

Como objetivos específicos, temos o seguinte:

- a) identificar as principais motivações dos estudantes para a realização do intercâmbio;
- b) verificar como foi o processo de adaptação dos alunos no exterior (brasileiros) e no Brasil (estrangeiros), mostrando quais são os principais desafios e dificuldades, na visão dos próprios intercambistas;
- c) compreender a opinião dos intercambistas sobre a experiência universitária em outro país, através de sua avaliação sobre a instituição de ensino, os docentes, o conteúdo das disciplinas e a grade curricular do curso escolhido.

A metodologia de pesquisa consistiu, primeiramente, na revisão de literatura, em livros e periódicos acerca de educação, cultura, intercâmbio internacional e turismo. Infelizmente, ainda não há muito material disponível acerca de turismo de intercâmbio; não foi possível recolher muitos subsídios para a estruturação de um roteiro de entrevistas, nem para a confecção do questionário, que acabou por ser o principal instrumento de pesquisa. Isso fez com que a pesquisa assumisse um caráter exploratório.

Após a revisão de literatura, foram realizadas três entrevistas com graduandos da Universidade de São Paulo e três entrevistas com alunos estrangeiros; todas elas foram semiestruturadas, e forneceram subsídios para a confecção do questionário da pesquisa. Optou-se por fazer seis entrevistas, pois se percebeu que, nas duas últimas, os temas e

pontos tratados repetiram-se, não mais trazendo novas informações à pesquisa e ao questionário.

O questionário é composto por 22 questões abertas e fechadas; ele foi aplicado pessoalmente a 60 estudantes, selecionados por conveniência, dos quais 30 eram graduandos da Universidade de São Paulo e 30 eram estrangeiros. O tratamento dos dados foi feito através do *software* MS-Excel. Dado que a maior parte das unidades de ensino da Universidade de São Paulo, em 2014 e 2015, não fornecia os dados acerca dos intercambistas, a aplicação dos questionários foi dificultada. Chegou-se ao total de 60 questionários respondidos, mas apenas após vários dias de aplicação.

A pesquisa justifica-se pela carência, ainda presente na literatura, de estudos acerca do turismo de intercâmbio, no Brasil. O crescimento recente desse segmento de mercado torna necessário o desenvolvimento de pesquisas que tratem do assunto, desde a motivação dos discentes até as dificuldades de adaptação, passando pelos meios através dos quais as instituições brasileiras podem se tornar mais atrativas para estudantes estrangeiros em busca de uma experiência de intercâmbio internacional.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Segundo Giaretta (2003, p. 33), a palavra “intercâmbio”: [...] quer dizer uma troca, uma permuta ou uma relação de comércio ou de intelectuais, nação a nação.” A própria autora afirma que a palavra sofreu uma mudança de sentido, e, hoje, define toda e qualquer viagem ao exterior motivada pela finalidade de realizar atividades profissionais, de estudo ou de trabalho.

De acordo com o Ministério do Turismo (2010), o comportamento do turista tem mudado, ao longo do tempo, com o surgimento de novas motivações de viagem, fazendo-se necessário o desenvolvimento de produtos turísticos que atendam suas expectativas e novas necessidades. O turismo de intercâmbio tem se propagado como um assunto de interesse para a educação, em diferentes países.

Nesse sentido, Tomazzoni e Oliveira (2013) afirmam que o intercâmbio colabora para o desenvolvimento de habilidades, aprendizado e conhecimentos e para a conquista da independência, com retornos significativos para os estudantes.

Para se compreender a complexidade do segmento de turismo de intercâmbio, é necessário que se mais bem conheça as principais modalidades de programas educacionais. Como os de maior destaque, o Ministério do Turismo (2010) aponta os seguintes: a) programas de estudo de ensino médio; b) programas de ensino superior; c) cursos de idiomas; d) programas de estudos de curta duração; e) estágio profissionalizante; e f) trabalho voluntário.

A Universidade de São Paulo tem contado, nos últimos anos, com diferentes programas de mobilidade de ensino superior, disponíveis para seus alunos. Entre os mais importantes, que ofereceram auxílio financeiro, em 2014 e 2015, pode-se citar os seguintes:

- a) Ciência sem Fronteiras, resultado do trabalho realizado entre o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e o Ministério da Educação, através do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e das secretarias de ensino superior e de ensino tecnológico do Ministério da Educação;
- b) Programa de Bolsas Santander Universidades, desenvolvido pelo Banco Santander;

- c) Programa de Bolsas de Intercâmbio para Alunos de Graduação, criado pela própria Universidade de São Paulo.

Além disso, os graduandos da Universidade de São Paulo contam com oportunidades de mobilidade para universidades estrangeiras conveniadas, de modo que o estudante pode realizar intercâmbio internacional com a isenção das taxas acadêmicas, mesmo sem contar com auxílios nem bolsas. O mesmo vale para os estudantes dessas instituições estrangeiras que queiram vir para a Universidade de São Paulo.

A Universidade de São Paulo tem buscado melhorar a recepção e a integração dos intercambistas estrangeiros que recebe. A plataforma *online* USP iFriends, por exemplo, permite o contato dos intercambistas com graduandos da Universidade de São Paulo, antes mesmo de sua chegada.

Nessa plataforma, os discentes brasileiros podem ver o nome, perfil, curso e país de origem dos estrangeiros, assim como a unidade em que estudarão, e escolher até três deles para contactar. Quando os intercambistas são selecionados pelos brasileiros, por meio da plataforma, recebem uma mensagem eletrônica com o aviso, o que permite que haja o contato.

Apesar do crescimento recente dos programas de intercâmbio, pesquisas que abordam especificamente o turismo de intercâmbio ainda são escassas, no Brasil. Tomazzoni e Oliveira (2013) destacam a carência de artigos específicos sobre esse segmento, nos periódicos de turismo, e apontam, como questões importantes para pesquisas na área, o perfil dos intercambistas e suas motivações para a realização do intercâmbio.

3 RESULTADOS DA PESQUISA

Os resultados aqui apresentados e discutidos são fruto dos 60 questionários aplicados, como já informado, cuja análise é enriquecida pelas seis entrevistas feitas e por observações feitas pelos respondentes, enquanto preenchiam seu questionário.

Para fins de organização, dividiu-se o presente item em seis subitens, a saber: 3.1) Perfil dos estudantes; 3.2) Principais motivações do intercâmbio; 3.3) Auxílios financeiros; 3.4) Adaptação ao país do intercâmbio – desafios e dificuldades; 3.5) Opiniões e avaliações acerca da instituição de ensino; e 3.6) Outros aspectos importantes da experiência.

3.1 Perfil dos estudantes

A amostra por conveniência contou com 60 graduandos, dos quais 30 eram estudantes da Universidade de São Paulo, que já tinham retornado de sua experiência de intercâmbio. Os outros 30 graduandos eram estrangeiros, que, por ocasião da pesquisa, estavam em intercâmbio na Universidade de São Paulo.

No caso dos estudantes brasileiros, 73,3% são do gênero feminino e 26,6% do gênero masculino. Isso foi resultado, em parte, da amostra por conveniência; a maior parte dos respondentes estudava na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, que conta com vários cursos com corpo discente predominantemente feminino, a exemplo de Lazer e Turismo, Obstetrícia, Gerontologia e Têxtil e Moda.

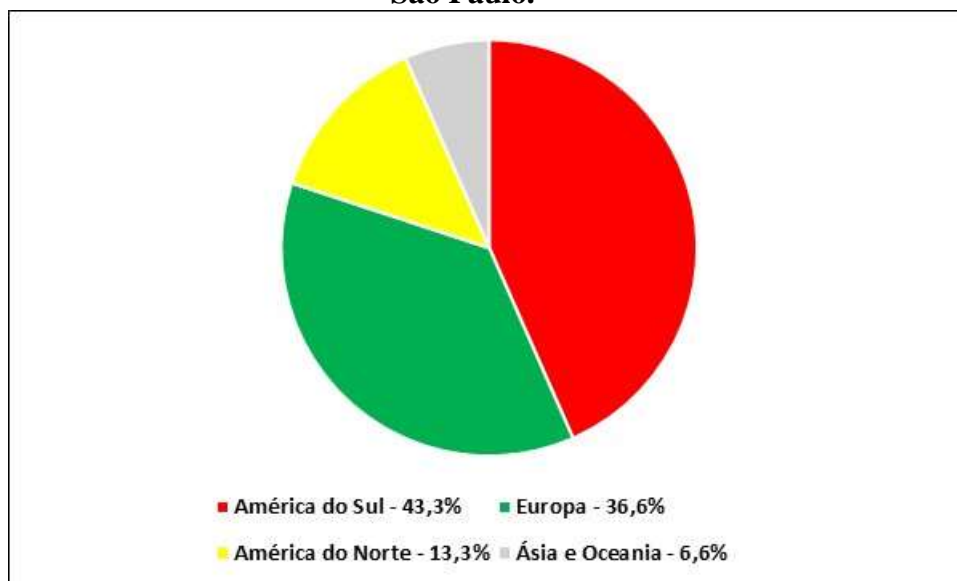
Já no caso dos estudantes estrangeiros, 53,3% são do gênero feminino e 46,6% do gênero masculino; a amostra não ficou tão concentrada na Escola de Artes, Ciências

e Humanidades, tendo contemplado um número maior de unidades da Universidade de São Paulo.

A maior parte dos intercambistas estudava em cursos da grande área de Humanas (50% dos estrangeiros, 76,6% dos brasileiros), o que também reflete a amostra por conveniência. As grandes áreas de Exatas (40% dos estrangeiros e 16,6% dos brasileiros) e de Biológicas (10% dos estrangeiros e 6,6% dos brasileiros) completam a amostra.

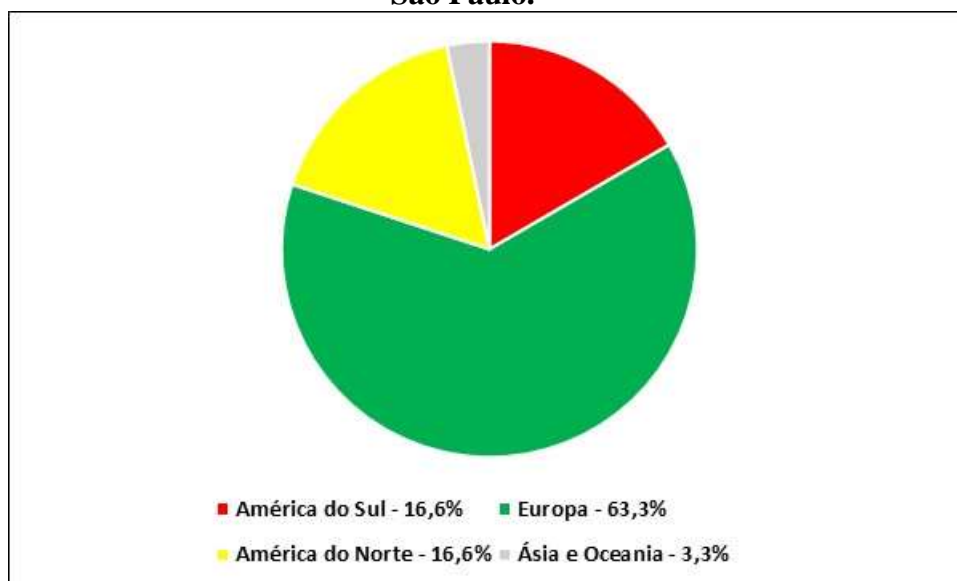
A maior parte dos respondentes estrangeiros estuda em instituições da América do Sul. Já a maioria dos graduandos da Universidade de São Paulo tiveram como destino de intercâmbio universidades europeias, como os gráficos 1 e 2 ilustram:

GRÁFICO 1 – País de origem dos intercambistas estrangeiros na Universidade de São Paulo.



Fonte: autoria própria.

GRÁFICO 2 – País de destino dos intercambistas brasileiros da Universidade de São Paulo.



Fonte: autoria própria.

Entre os alunos estrangeiros, há uma clara predominância de oriundos de países latino-americanos, da Espanha e de Portugal; ou seja, de países cuja língua oficial é o português ou o espanhol. Todos os respondentes que vieram da América do Norte eram do México; entre os que vieram da Europa, 63,6% estudavam em universidades de Portugal ou da Espanha. No geral, 79,7% de todos os intercambistas estrangeiros vieram da América Latina, de Portugal e da Espanha.

De forma similar quanto à proximidade da língua, a grande maioria dos respondentes brasileiros tinham feito intercâmbio na América Latina (Argentina, Chile e México), na Espanha e em Portugal – 84,2% dos intercambistas que estudaram na Europa foram para a Península Ibérica. No geral, 72,7% de todos os respondentes brasileiros estudaram em países cuja língua oficial é o português ou o espanhol.

O principal dado do perfil dos intercambistas brasileiros e estrangeiros é que a questão da língua parece ser crucial na escolha do país de destino; raros são os casos de estudantes que viajam para países cuja língua desconhecem. Nas entrevistas feitas, os estudantes que escolheram Alemanha e Austrália tinham prévio conhecimento do alemão e do inglês, respectivamente, e tinham escolhido esses países inclusive para melhorar seu domínio do idioma.

3.2 Principais motivações do intercâmbio

A motivação para fazer o intercâmbio foi trabalhada nas três primeiras questões do questionário. Na primeira questão, foram utilizadas escalas de Likert para se medir a importância de seis fatores na decisão de realizar o intercâmbio. Para tanto, os respondentes selecionaram, em uma escala de 1 a 7, o quanto diferentes fatores tinham influenciado sua decisão, sendo que 1 correspondia a “pouco importante,” ao passo que 7 significava “muito importante.”

O Quadro 1 traz os seis fatores, bem como a média, a mediana e a moda de cada um deles, tanto para os estrangeiros quanto para os brasileiros:

QUADRO 1 – Fatores que influenciaram a decisão de realizar o intercâmbio.

Variáveis	Intercambistas estrangeiros			Intercambistas brasileiros		
	Média	Mediana	Moda	Média	Mediana	Moda
Estudar em universidade estrangeira específica	5,2	4,5	7	4,53	4	4 / 6
Estudar no exterior	6,46	5,5	7	6,5	6	7
Viajar e conhecer outros países	6,4	5,5	7	6,63	6	7
Morar em outro país, e travar contato com outra cultura e cotidiano	6,8	6,5	7	6,73	5,5	7
Enriquecer o currículo, e aumentar as chances de conseguir um bom emprego	6	5	7	6,7	6	7
Aprender um ou mais idiomas estrangeiros	6,23	5	7	6,03	4,5	7

Fonte: autoria própria.

O fator “Morar em outro país, e travar contato com outra cultura e cotidiano” foi

o que apresentou a maior média entre os dois grupos de respondentes – 6,8 para estrangeiros e 6,73 para brasileiros. Contudo, essa “outra cultura e cotidiano” revela-se relativamente próxima, pelo que foi apresentado no perfil dos entrevistados. A maior parte dos intercambistas brasileiros e estrangeiros dirige-se a países cujos idiomas oficiais são o português ou o espanhol, e que apresentam culturas relativamente próximas.

Essa constatação é um indício de que, embora os intercambistas tenham como principal motivação o fator “Morar em outro país, e travar contato com outra cultura e cotidiano,” eles apresentam clara tendência de escolherem países cuja cultura se aproxime a de seu país de origem. Uma das possíveis razões é que a falta de domínio de outros idiomas seja um impedimento à escolha do país de destino, mesmo que vários países contemplem períodos de adaptação e incentivos ao aprendizado de sua língua oficial, a exemplo da Alemanha. Contudo, alguns programas de intercâmbio exigem a comprovação de nível do idioma do país de destino.

Outro dado que chama a atenção é o fator “Estudar em universidade estrangeira específica” ter apresentado a menor média e a menor mediana, tanto entre os estrangeiros quanto entre os brasileiros. Isso já tinha aparecido nas entrevistas com estudantes brasileiros – nenhum deles tinha analisado a fundo a instituição aonde iriam, preocupando-se mais com o país e a cidade do intercâmbio.

Essa opção foi avaliada como menos importante até mesmo em relação ao fator “Aprender um ou mais idiomas estrangeiros,” embora, como já visto, o idioma do país de destino era parecido ou mesmo aquele do país de origem.

Em suma, os dados apontam que os intercambistas não foram muito influenciados pela qualidade, estrutura e prestígio das universidades, quando da escolha do intercâmbio.

A segunda questão – aberta – pediu que os respondentes listassem outros fatores que também tinham influenciado sua decisão de intercâmbio; dos 60 respondentes, 11 estrangeiros e sete brasileiros apontaram outros fatores, que podem ser visualizados no Quadro 2:

QUADRO 2 – Outros fatores que influenciaram o intercâmbio.

Intercambistas estrangeiros	Intercambistas brasileiros
Relacionamento pessoal com alguém que estava no Brasil (2x)	Oportunidade de bolsa de estudos (2x)
Vontade de vir ao Brasil (2x)	Necessidade de mudança (1x)
Crise econômica no país de origem (2x)	Vontade de se autoconhecer (1x)
Universidade de origem requeria um período em outro país (1x)	Incentivo da família/amigos (1x)
Vontade de morar sozinho (1x)	Vontade de morar sozinho (1x)
Necessidade de novos conhecimentos profissionais (1x)	Oportunidade de reforçar os estudos em uma área que considera deficiente em sua formação (1x)
Oportunidade de realizar intercâmbio em um país diferente, que recebe poucos intercambistas (1x)	Gosto pelo idioma do país de destino (1x)
Oportunidade de adquirir maior independência (1x)	

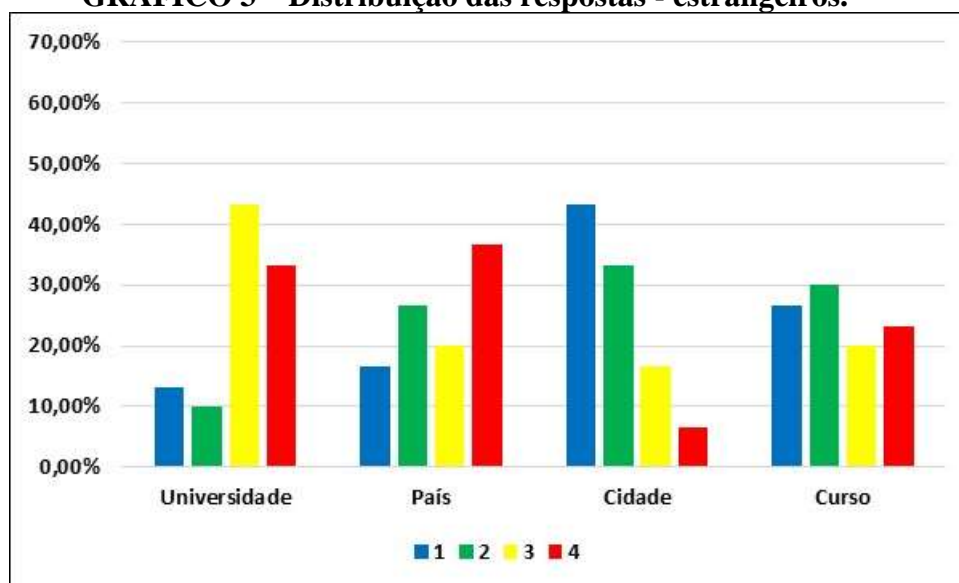
Fonte: autoria própria.

A maior parte dos fatores citados é pessoal, indo além de preocupações acadêmicas e profissionais. Chama também a atenção o fato de cinco respondentes terem querido vir particularmente para o Brasil, pelo país ou para encontrar alguém por aqui.

Por fim, a terceira questão pedia para que o respondente classificasse, por relevância na escolha do intercâmbio, os fatores “universidade,” “país,” “cidade” e “curso,” sendo 1 o menos importante e 4 o mais importante.

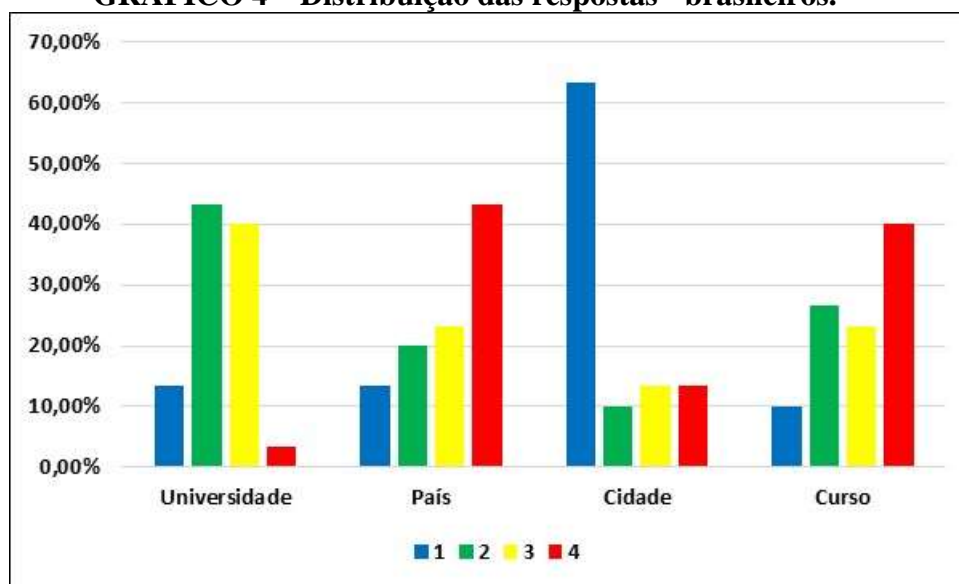
Os gráficos 3 e 4 mostram a distribuição das respostas para estrangeiros e brasileiros, respectivamente:

GRÁFICO 3 – Distribuição das respostas - estrangeiros.



Fonte: autoria própria.

GRÁFICO 4 – Distribuição das respostas - brasileiros.



Fonte: autoria própria.

É possível observar que a cidade, tanto para estrangeiros quanto brasileiros, é o fator menos importante para a escolha do intercâmbio.

No caso dos estrangeiros, a universidade é o fator decisivo para a escolha do intercâmbio; a soma de 3 e 4 representa 76,6% das respostas para esse item. Já no caso dos brasileiros, o país é o fator decisivo; a soma de 3 e 4 responde por 66,6% das respostas.

As entrevistas corroboram as entrevistas feitas com intercambistas brasileiros e estrangeiros. Os estudantes da Universidade de São Paulo preocuparam-se muito com o país de destino, dado que nenhum deles falava bem inglês. Nesse caso, a escolha de um país onde se fala português ou espanhol foi fundamental.

No caso dos estrangeiros entrevistados, o prestígio da Universidade de São Paulo foi algo que os atraiu para o Brasil, dado que a instituição sempre aparece bem classificada nos rankings internacionais, entre as universidades da América Latina.

3.3 Auxílios financeiros

O questionário tratou dos eventuais auxílios financeiros e apoios recebidos pelos intercambistas, em duas questões, nas quais se pedia também o valor do auxílio financeiro e a descrição dos outros apoios recebidos.

Os dados mostram que a maior parte dos intercambistas contou com auxílio financeiro – 70% dos estrangeiros e 93,3% dos brasileiros. No caso dos estudantes da Universidade de São Paulo, dentre os que receberam auxílio financeiro, 71,4% receberam a bolsa de mérito acadêmico da universidade, que, em 2013 e 2014, totalizava algo entre R\$ 20.000,00 e R\$ 25.000,00 por aluno, a depender do país de destino e da cotação do real frente às moedas estrangeiras.

Isso mostra a importância de a Universidade de São Paulo ter destinado recursos orçamentários ao intercâmbio internacional de graduação; apenas os recursos do Ciência sem Fronteiras e o apoio do Banco Santander não teriam sido suficientes para suprir a demanda por essa experiência, na instituição.

Outros 14,3% dos brasileiros receberam auxílio do Ciência sem Fronteiras; nesse caso, os custos referentes ao curso no exterior, à moradia e à alimentação foram pagos diretamente para as universidades estrangeiras, recebendo diretamente os graduandos entre R\$ 5.220,00 e R\$ 22.100,00, a depender do país de destino.

Os demais graduandos brasileiros que receberam auxílio financeiro conseguiram isso através de edital financiado pelo Banco Santander ou de edital de convênio entre a Universidade de São Paulo e instituições estrangeiras; nesses casos, as bolsas giraram entre R\$ 7.040,00 e R\$ 8.905,71 por semestre.

No caso dos intercambistas estrangeiros que tiveram alguma forma de auxílio financeiro, 38% receberam algo entre R\$ 6.000,00 e R\$ 8.000,00 por semestre. Já 33,3% receberam bolsas de menos de R\$ 3.000,00 por semestre, ao passo que 28,5% auferiram auxílios financeiros superiores a R\$ 10.000,00 por semestre.

Verifica-se, assim, que a maior parte dos estudantes de ambos os grupos receberam bolsas de estudos para realizar o intercâmbio. Os estudantes brasileiros receberam, em média, auxílios financeiros muito superiores aos estrangeiros; contudo, as diferenças no custo de vida, entre países, tornam difícil a comparação entre os auxílios financeiros recebidos, na paridade do poder de compra.

Principalmente entre os brasileiros, o auxílio financeiro pode ser entendido não apenas como um facilitador, mas como fator decisivo para o intercâmbio na graduação. As entrevistas corroboram essa avaliação.

3.4 Adaptação ao país do intercâmbio - desafios e dificuldades

Na décima questão, o questionário listou 14 elementos, e pediu que os respondentes colocassem o nível de dificuldade no processo de adaptação ao país de intercâmbio, para cada um deles. O Quadro 3 traz a lista desses elementos, bem como a distribuição percentual das respostas dos intercambistas estrangeiros e brasileiros:

QUADRO 3 – Nível de dificuldade de fatores no processo de adaptação

Variáveis	Muito difícil		Difícil	
	Estrangeiros	Brasileiros	Estrangeiros	Brasileiros
Idioma local	3,3%	3,3%	23,3%	6,6%
Alimentação	6,6%	0%	16,6%	13,3%
Tamanho da cidade	16,6%	0%	26,6%	10%
Clima	6,6%	0%	13,3%	20%
Serviços de transporte	13,3%	0%	26,6%	6,6%
Nova moradia	3,3%	0%	13,3%	6,6%
Distância da família/amigos	6,6%	10%	23,3%	40%
Ritmo de vida	6,6%	3,3%	6,6%	10%
Hábitos de lazer	3,3%	0%	6,6%	6,6%
Religião	0%	0%	3,3%	3,3%
Convivência com residentes locais	0%	0%	10%	3,3%
Convivência com outros intercambistas	0%	0%	3,3%	20%
Sistema de saúde	6,6%	3,3%	6,6%	10%
Custo de vida	16,6%	3,3%	53,3%	6,6%

Fonte: autoria própria.

QUADRO 3 – Nível de dificuldade de fatores no processo de adaptação (continuação)

Nem difícil nem fácil		Fácil		Muito fácil	
Estrangeiros	Brasileiros	Estrangeiros	Brasileiros	Estrangeiros	Brasileiros
26,6%	20%	36,6%	60%	10%	10%
13,3%	13,3%	30%	36,6%	33,3%	36,6%
33,3%	6,6%	16,6%	33,3%	6,6%	50%
36,6%	23,3%	26,6%	40%	16,6%	16,6%
23,3%	16,6%	26,6%	30%	10%	46,6%
20%	33,3%	60%	33,3%	3,3%	26,6%
33,3%	26,6%	16,6%	16,6%	20%	6,6%
43,3%	20%	33,3%	36,6%	10%	30%
23,3%	6,6%	46,6%	46,6%	20%	40%
63,3%	30%	13,3%	33,3%	20%	33,3%
16,6%	30%	53,3%	43,3%	20%	23,3%

20%	10%	36,6%	30%	40%	40%
60%	50%	16,6%	30%	10%	6,6%
16,6%	16,6%	10%	33,3%	3,3%	40%

Fonte: autoria própria.

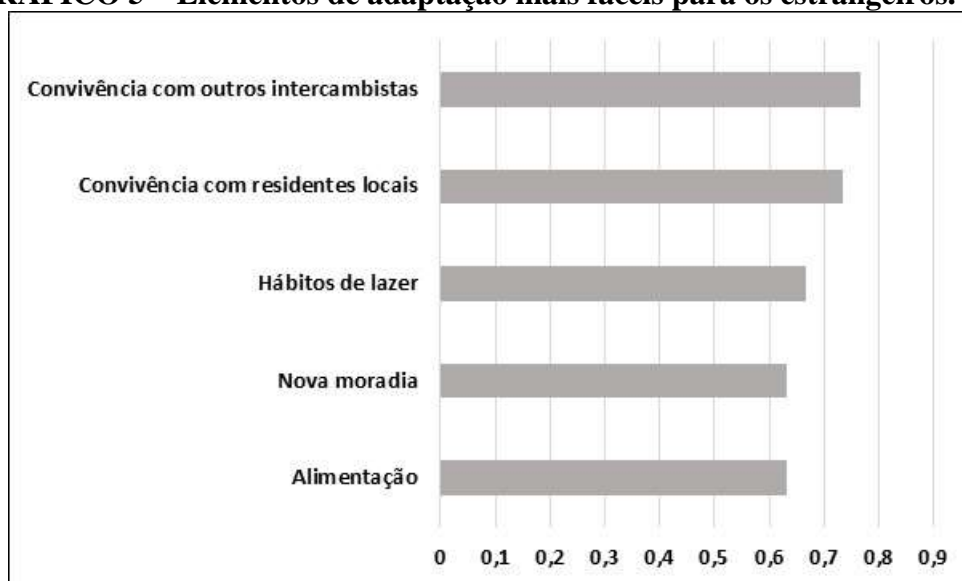
Essa questão procurou identificar quais são as principais dificuldades encontradas no processo de adaptação do intercambista, em seu país de destino.

De modo geral, percebe-se que os estudantes brasileiros têm mais facilidade de adaptação do que os intercambistas estrangeiros, no conjunto dos 14 elementos listados pelo questionário. No caso dos primeiros, o elemento “Distância da família/amigos” foi o que mais recebeu “Muito difícil” e “Difícil” – 50% do total. Nenhum outro elemento recebeu mais de 20% das respostas como “Muito difícil” e “Difícil.”

Já entre os intercambistas estrangeiros, o elemento considerado de mais difícil adaptação – “Custo de vida” – recebeu 70% de respostas “Muito difícil” e “Difícil.” Vários outros elementos receberam mais de 20% das respostas como “Muito difícil” e “Difícil.”

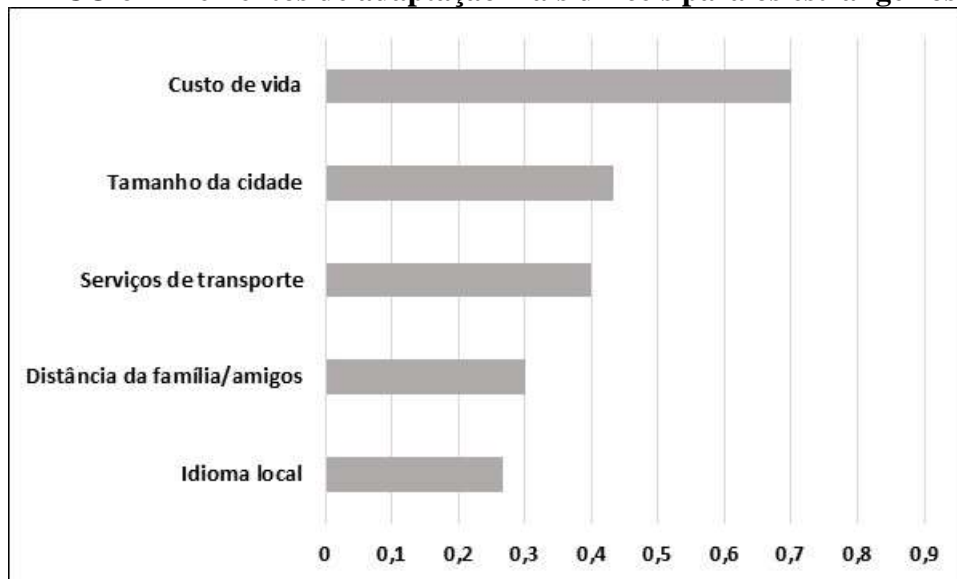
Os gráficos 5, 6, 7 e 8 trazem os elementos considerados mais fáceis (“Muito fácil” e “Fácil”) e mais difíceis (“Muito difícil” e “Difícil”) no processo de adaptação, tanto para os brasileiros quanto para os estrangeiros – a porcentagem refere-se à soma das respostas:

GRÁFICO 5 – Elementos de adaptação mais fáceis para os estrangeiros.



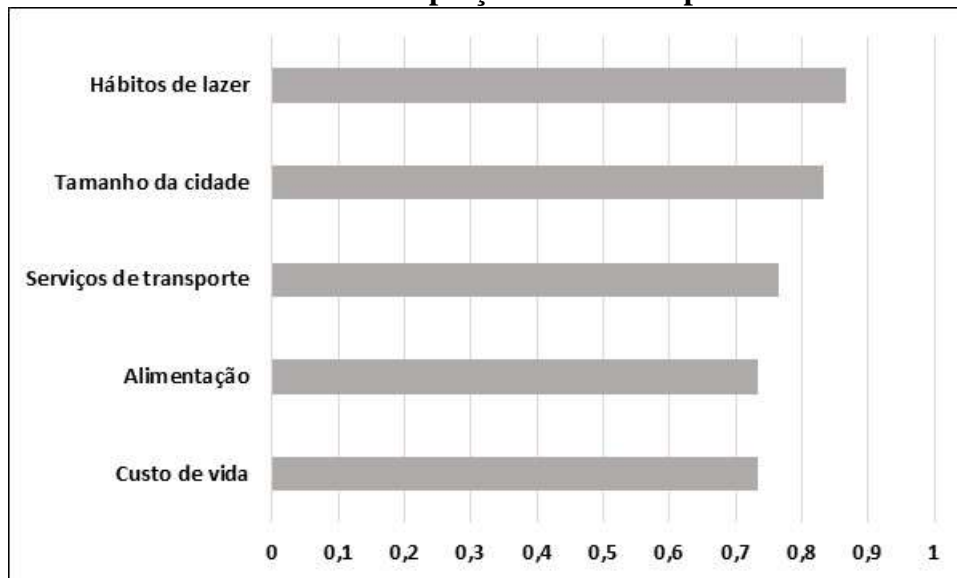
Fonte: autoria própria.

GRÁFICO 6 – Elementos de adaptação mais difíceis para os estrangeiros.



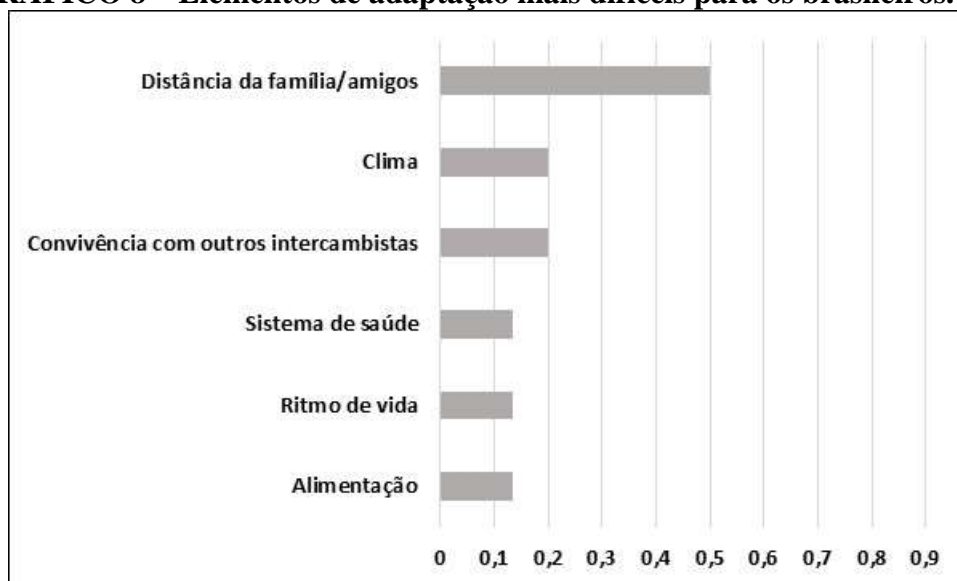
Fonte: autoria própria.

GRÁFICO 7 – Elementos de adaptação mais fáceis para os brasileiros.



Fonte: autoria própria.

GRÁFICO 8 – Elementos de adaptação mais difíceis para os brasileiros.



Fonte: autoria própria.

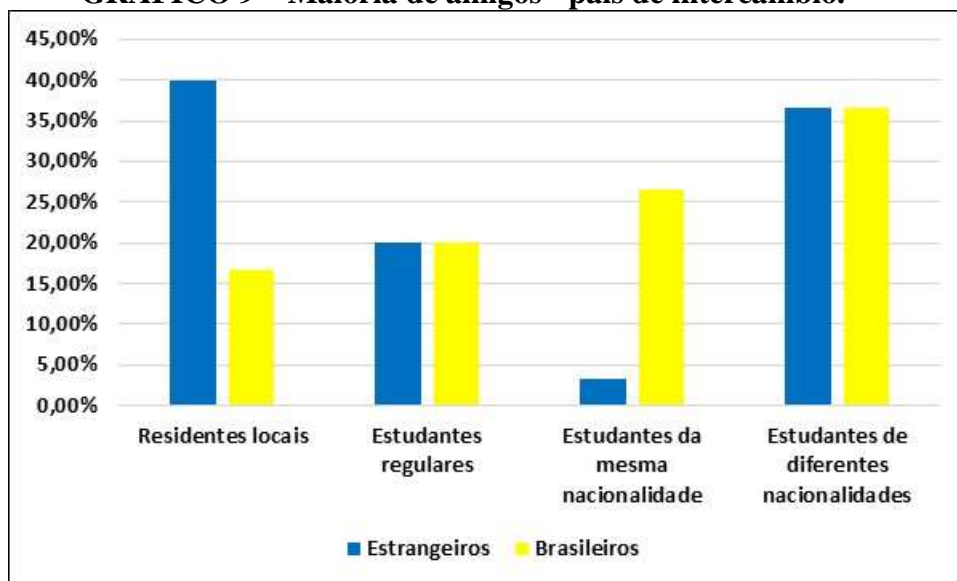
A décima-primeira questão referia-se aos amigos feitos, durante a experiência de intercâmbio; o Quadro 4 traz a questão, e o Gráfico 9 mostra as diferenças entre brasileiros e estrangeiros:

QUADRO 4 – Questão décima-primeira do questionário.

11. Seus amigos, no país de intercâmbio, eram/são, em sua maioria:
<input type="checkbox"/> Residentes locais;
<input type="checkbox"/> Estudantes regulares da unidade onde estudava, fossem eles nacionais ou de outros países;
<input type="checkbox"/> Estudantes da mesma nacionalidade que a sua, também em programa de intercâmbio;
<input type="checkbox"/> Estudantes de diferentes nacionalidades, também em programa de intercâmbio.

Fonte: autoria própria.

GRÁFICO 9 – Maioria de amigos - país de intercâmbio.



Fonte: autoria própria.

O dado mais relevante é que os brasileiros fazem mais amizade com intercambistas de outras nacionalidades, ao passo que os estrangeiros relacionam-se principalmente com residentes locais, fora da Universidade de São Paulo. Os brasileiros também procuram manter contacto com seus compatriotas, no exterior. Apenas um intercambista estrangeiro colocou que a maioria de seus amigos é de sua nacionalidade. Isso talvez se explique pelo fato de que o Brasil – e, conseqüentemente, a Universidade de São Paulo – ainda recebe poucos intercambistas estrangeiros de graduação, apesar do crescimento recente.

Nas entrevistas e durante a aplicação dos questionários, vários estrangeiros, que ainda não tinham amigos que também estavam em programas de mobilidade, manifestaram interesse em conhecer outros estudantes que já tinham participado da pesquisa.

3.5 Opiniões e avaliações acerca da instituição de ensino

A décima-quinta questão pedia que os intercambistas avaliassem a instituição do país de destino, no que se refere aos docentes, à grade curricular e à estrutura física da universidade/unidade. Foram utilizadas escalas de Likert, nas quais 1 correspondia a “muito ruim” e 7 a “muito bom.”

O Quadro 5 traz a média, a mediana e a moda para esse três pontos, tanto para os estrangeiros quanto para os brasileiros:

QUADRO 5 – Avaliação da instituição de ensino.

Variáveis	Intercambistas estrangeiros			Intercambistas brasileiros		
	Média	Mediana	Moda	Média	Mediana	Moda
Professores	5,8	5,5	6	5,73	5,5	5 / 6
Grade curricular	5,2	4,5	6	6	5	7
Estrutura física da universidade/unidade	5,5	5	6	6	5	7

Fonte: autoria própria.

Verifica-se que os professores da Universidade de São Paulo foram a alternativa mais bem avaliada entre os intercambistas estrangeiros. Uma possível explicação para esse resultado é que a instituição é sempre uma das mais bem avaliadas na América Latina, pelos mais diversos *rankings* internacionais, de onde vem a maior parte dos intercambistas estrangeiros da amostra.

Já para os brasileiros, a grade curricular e a estrutura física são os dois pontos mais bem avaliados. Isso pode ter sido influenciado pelo fato de muitos respondentes estudarem na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, unidade que ainda carece de recursos financeiros e materiais.

3.6 Outros aspectos importantes da experiência

As últimas sete questões do questionário eram abertas; das sete, seis pretendiam capturar avaliações subjetivas feitas pelos intercambistas de suas experiências.

Apesar de serem abertas, elas conseguiram revelar padrões interessantes entre os brasileiros e estrangeiros, o que permitiu inclusive a tabulação das respostas.

O Quadro 6 traz as respostas da décima-sexta questão – “Quais foram/estão sendo os ganhos pessoais advindos do intercâmbio?” Para fins de tabulação, foram agrupadas respostas parecidas:

QUADRO 6 – Ganhos pessoais advindos do intercâmbio.

Variáveis	Intercambistas estrangeiros	Intercambistas brasileiros
Conhecer nova cultura	63,3%	53,3%
Novas amizades	36,6%	20%
Independência	23,3%	30%
Amadurecimento	9,9%	40%
Oportunidade de realizar muitas viagens	13,3%	0%
Responsabilidade	0%	30%
Tolerância	0%	13,3%
Autoconhecimento	0%	13,3%

Fonte: autoria própria.

Mais uma vez, “Conhecer nova cultura” apareceu como resposta, no questionário, dessa vez como ganho pessoal mais citado pelos respondentes estrangeiros e brasileiros. Esse dado guarda relação direta com a vontade de “Morar em outro país, e travar contato com outra cultura e cotidiano,” como a principal razão para a decisão de realizar o intercâmbio.

As respostas dos dois grupos foram semelhantes, mas é possível ver que opções ligadas ao amadurecimento pessoal – “Independência,” “Amadurecimento,” “Responsabilidade,” “Tolerância” e “Autoconhecimento” – foram muito mais importantes para os brasileiros do que para os estrangeiros.

A décima-sétima questão perguntava qual foi ou está sendo o impacto do intercâmbio no currículo. No caso dos estrangeiros, o único ponto relevante citado foi aprender e aperfeiçoar um novo idioma, no caso o português, com 46,6% das respostas. Cerca de um quarto dos respondentes colocaram que ainda não tinham sentido nenhum impacto, ao passo que as demais respostas foram “Novos conhecimentos profissionais” (16,6%) e “Experiência de pesquisa” (13,3%).

No caso dos brasileiros, aprender e aperfeiçoar um novo idioma também foi o mais citado, com 50% das respostas. Mesmo alguns estudantes que foram para Portugal marcaram essa opção, e comentaram que tinham aprendido a mais bem falar o inglês com outros intercambistas. Outros pontos respondidos foram “Novos conhecimentos profissionais” (40%), “Diferencial em processos seletivos” (23,3%) e “Ajudou a conseguir emprego” (9,9%). Contudo, 33,3% dos estudantes brasileiros não haviam verificado ainda qualquer tipo de impacto no currículo ou nas oportunidades profissionais.

Cumprir destacar que os brasileiros responderam o questionário após voltar do intercâmbio; já os estrangeiros estavam na experiência de intercâmbio, o que torna mais difícil ela já experiência influenciar em processos seletivos e, conseqüentemente, na oportunidade de conseguir um emprego. Isso talvez seja o fator mais importante a explicar as diferenças percebidas através dessa questão.

A décima-oitava questão perguntou o que o respondente sentiu ou sente mais falta de seu país de origem, durante o período de intercâmbio. O Quadro 7 traz as respostas da décima-oitava questão:

QUADRO 7 – Pontos dos quais os intercambistas sentiram falta.

Variáveis	Intercambistas estrangeiros	Intercambistas brasileiros
Falta da família	53,3%	66,6%
Falta da comida	40%	70%
Falta dos amigos	36,6%	43,3%
Falta do(a) namorado(a)	10%	10%
Falta da segurança	10%	0%
Falta do calor humano dos brasileiros	0%	13,3%
Falta do ritmo de vida brasileiro	0%	10%

Fonte: autoria própria.

A falta da família, dos amigos e da comida foram os pontos mais citados, pelos dois grupos. É interessante notar que a comida do país de destino é um elemento de fácil e muito fácil adaptação, tanto para brasileiros quanto para estrangeiros, como mostra o Quadro 3. Mesmo assim, a comida do país de origem é o segundo ponto do qual os estrangeiros mais sentem falta (citado por 40% dos respondentes). Isso é ainda mais pronunciado entre os intercambistas brasileiros – 70% citam-no.

A vigésima questão perguntou se, além dos estudos, os intercambistas realizaram ou realizam alguma atividade profissional, e, se sim, qual. Verificou-se que 30% dos estrangeiros e 16,6% dos brasileiros haviam realizado atividades profissionais. No caso dos estrangeiros, as atividades citadas foram bolsas remuneradas na própria Universidade de São Paulo e aulas de inglês.

Entre os brasileiros, não há um padrão – as experiências são individuais.

Por fim, a vigésima-segunda e última pergunta questionou qual era a maior contribuição do intercâmbio para sua vida. De forma geral, é uma pergunta na qual o respondente podia condensar respostas a questões anteriores, o que fez com que não se chegue a nada novo, mas se reforce a avaliação de que o mais importante para os respondentes, na experiência de intercâmbio, é o crescimento pessoal, e não profissional.

O Quadro 8 mostra as respostas obtidas mais frequentes:

QUADRO 8 – Maiores contribuições do intercâmbio para a vida.

Variáveis	Intercambistas estrangeiros	Intercambistas brasileiros
Conhecer nova cultura e realidade	46,6%	56,6%
Independência	16,6%	13,3%
Amadurecimento	10%	33,3%
Aprendizado de nova língua	16,6%	13,3%
Conhecimento profissional	10%	26,6%
Novas amizades	26,6%	0%

Nova perspectiva sobre a realidade de seu país de origem	10%	0%
Autoconfiança profissional e pessoal	0%	16,6%
Aprendido a conviver com pessoas diferentes	0%	10%

Fonte: autoria própria.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cumprido destacar, logo no início das considerações finais, que a presente pesquisa contribuiu para a compreensão de um segmento de mercado ainda pouco estudado na literatura analítica de turismo. Contudo, seu caráter exploratório faz com que ela seja mais importante como subsídio para futuras pesquisas na área do que como fonte de informação, por si só.

O pequeno tamanho da amostra – 30 estrangeiros e 30 brasileiros – não permite que se façam generalizações. Cumprido que, no futuro, uma pesquisa, a partir dos achados aqui publicados, refaça a metodologia de pesquisa, e, caso opte pela aplicação de questionários, trabalhe em cima de uma amostra maior.

De todo modo, pode-se, através da presente pesquisa, mais bem compreender a opinião dos estudantes acerca da experiência de intercâmbio. A principal motivação e a maior contribuição para a vida é conhecer uma nova cultura e realidade, por mais que os países escolhidos sejam, na maior parte das vezes, culturalmente próximos, e tenham o mesmo ou um idioma oficial parecido ao do país de origem – no caso, português e espanhol.

Essa constatação diverge de Tomazzoni e Oliveira (2013), que apontam que os países de língua inglesa são os mais procurados. Contudo, cabe ressaltar uma diferença fundamental no público da pesquisa, a saber: eles contactaram estudantes através de uma lista disponibilizada por agências especializadas em intercâmbio, sendo que a maior parte dos intercambistas estavam à procura de programas de aprendizado e aperfeiçoamento de línguas estrangeiras.

Verificou-se, corroborando Mazza (2008), a importância dos auxílios e bolsas como incentivo e pré-requisito para a realização do intercâmbio, o que foi particularmente ressaltado durante as entrevistas com os estudantes brasileiros. Mesmo assim, o custo de vida foi apontado como o elemento mais difícil para a adaptação dos intercambistas estrangeiros ao Brasil.

Ressalte-se que São Paulo foi classificada como a cidade com o maior custo de vida do Brasil e o quarto de toda a América Latina, segundo a Expatistan (s/d). São Paulo ser uma cidade “cara” é algo que comumente se escuta na Universidade de São Paulo, também por parte de discentes que vieram de outras partes do país e do interior do estado. Já os brasileiros não apresentaram grandes dificuldades em relação ao custo de vida no exterior; a pesquisa mostrou que, via de regra, eles receberam bolsas e auxílios maiores do que os recebidos pelos estrangeiros.

Contudo, de modo geral, houve pouca dificuldade de adaptação, sendo que os aspectos dos quais os estudantes sentiram mais falta foram os mesmos, para os dois grupos, a saber: a) família; b) comida; e c) amigos. Nesse sentido, Bubadué et al (2013) afirmam que a distância dos laços afetivos de origem pode deixar os intercambistas mais vulneráveis, sendo importante enfrentar os desafios, e se adaptar ao ambiente do

país de destino.

Os estudantes brasileiros mostraram tendência a se agrupar a outros alunos em programas de mobilidade. Já os estrangeiros demonstraram ter mais contato com residentes locais. Isso se deve, possivelmente, ao fato de alguns alunos estrangeiros não terem conhecido outros intercambistas, na Universidade de São Paulo, como foi colocado nas entrevistas e comentado durante a aplicação de alguns questionários.

Apenas 20% dos estudantes dos dois grupos avaliaram que a maioria de seus amigos, durante o intercâmbio, era formado por discentes regulares da instituição. Isso se relaciona com Riccio e Sakata (2006) sobre franceses em intercâmbio no Brasil e brasileiros em intercâmbio na França. Eles mostram que a rede de relacionamentos dos franceses não incluía alunos do país anfitrião, assim como os brasileiros passavam mais tempo com intercambistas de outros países do que com os alunos locais.

Por fim, os dados obtidos sugerem que, na visão dos estudantes, os maiores ganhos advindos do intercâmbio foram pessoais, com destaque para o contacto com uma nova cultura e realidade. Dessa forma, pode-se corroborar que o intercâmbio corresponde a seu objetivo e definição, que envolvem a troca de informações, crenças, conhecimento e cultura, como apontam Dalmolin et al (2013).

AGRADECIMENTOS

Agradece-se à Universidade de São Paulo pela concessão de bolsa de iniciação científica, modalidade institucional, para o projeto “Avaliação das experiências de intercâmbio internacional na graduação: a percepção dos intercambistas estrangeiros na Universidade de São Paulo e de discentes da USP no exterior,” sem a qual essa pesquisa – e, conseqüentemente, esse artigo – não teria sido possível.

REFERÊNCIAS

- BENI, M. C. Como certificar o turismo sustentável? **Turismo em análise**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 5-16, 2003.
- BUBADUÉ, R. M.; CARNEVALE, F.; PAULA, C. C.; PADOIN, S. M. M.; NEVES, E. T. Participação em programa de intercâmbio internacional: contribuições da experiência de graduação-sanduíche em enfermagem. **Revista de enfermagem da UFSM**, Santa Maria, v. 3, n. 3, p. 555-562, 2013.
- COOPER, C.; FLETCHER, J.; WANHILL, S.; GILBERT, D.; SHEPHERD, R. **Turismo, princípios e práticas**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- DALMOLIN, I. S.; PEREIRA, E. R.; SILVA, R. M. C. R. A.; GOUVEIA, M. J. B.; SARDINHEIRO, J. J. Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico. **Revista brasileira de enfermagem**, Brasília, v. 66, n. 3, p. 442-447, 2013.
- EXPATISTAN. **Expatistan cost of living index in Latin America**. s/d. Disponível em: <<https://www.expatistan.com/cost-of-living/index/latin-america>>. Acesso em: 29 mai. 2017.
- GIARETTA, M. J. **Turismo da juventude**. Barueri: Manole, 2003.
- MAZZA, D. A circulação internacional de pessoas, saberes e práticas no campo das ciências humanas: do direito à exigência. **Revista interdisciplinar da mobilidade**

humana, Brasília, v. 16, n. 31, p. 295-305, 2008.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo de estudos e intercâmbio**: orientações básicas. 2. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

PAIVA, M. G. M. V. **Sociologia do turismo**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2005.

RICCIO, E. L.; SAKATA, M. G. A internacionalização da educação superior – uma pesquisa com alunos intercambistas franceses e brasileiros da FEA – Faculdade de Economia Administração e Contabilidade da USP. **Cadernos PROLAM/USP**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 279-296, 2006.

TOMAZZONI, E. L.; OLIVEIRA, C. C. Turismo de intercâmbio: perfis dos intercambistas, motivações e contribuições da experiência internacional. **Revista turismo – visão e ação**, Balneário Camboriú, v. 15, n. 3, p. 388-408, 2013.

Evaluation of international exchange experiences in undergraduate programs: the foreign student's evaluation at the University of São Paulo and of USP's students in other countries

Abstract

The possibilities of undergraduate students in participating in exchange programs are increasing significantly. In addition to national programs under the responsibility of the federal government, some higher education institutions have also supported international exchanges at undergraduate level. For example, students at the University of São Paulo benefited from the increase of federal funds, the development of the university own projects and the support of private initiative to international exchange, which has encouraged more students to study abroad. The main objective of this research is to understand the exchange experience of undergraduate students of the University of São Paulo who went abroad as well as that of foreign undergraduate students who participated on an exchange program at the University of São Paulo. The study is based on the students' own opinions and evaluations. After a literature review, semi-structured interviews were conducted and questionnaires were applied. The main results indicate that students seek different experiences during the exchange program but they tend to choose countries that are culturally similar to their home countries, including the language. In general, both Brazilian and foreign students had little difficulty in adapting during the exchange. The students also pointed out that the greatest gains of the experience are personal instead of professional. This research aims to fill the gap of the Brazilian literature, since there are few studies about international exchange.

Keywords: *international exchange, adaptation, studies abroad, University of São Paulo.*

Artigo recebido em 30/05/2017. Aceito para publicação em 05/09/2017.